

VIVER E MORRER NA PESTE

EPIDEMIA NA HISTÓRIA

Fábio Vergara Cerqueira
Gunter Axt
Renata Brauner Ferreira
(Orgs.)

VIVER E MORRER NA PESTE EPIDEMIA NA HISTÓRIA

FÁBIO VERGARA CERQUEIRA
GUNTER AXT
RENATA BRAUNER FERREIRA
(Orgs.)



Filiada à A.B.E.U.

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Chefia

Ana da Rosa Bandeira
Editora-Chefe

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane
Administrativo

Seção de Produção

Suelen Aires Böettge
Administrativo
Anelise Heidrich
Revisão

Angélica Knuth (Estagiária)
Design Editorial

Seção de Pós-Produção

Morgana Riva
Assessoria
Madelon Schimmelpfennig Lopes
Eliana Peter Braz
Administrativo

Revisão Técnica

Ana da Rosa Bandeira

Revisão Ortográfica

Anelise Heidrich

Revisão de linguagem técnica

*Consultora para terminologia
médica e biológica*
Christine Janczur

Projeto Gráfico & Capa

Angélica Knuth

Imagem da Capa

*Juan Manuel Blanes. Un episodio de la fiebre amarilla en Buenos
Aires (1871). Montevideo, Museo Nacional de Artes Visuales.*

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação
Elaborada por Leda Lopes CRB: 10/2064

E64 Epidemia na história [recurso eletrônico] / organizadores Fábio Vergara
Cerqueira, Gunter Axt, Renata Brauner Ferreira. - Pelotas : Ed. UFPel,
2021.
454 p. : il. - (Viver e Morrer na Peste; v. 01)

Coordenador da coleção: Fábio Vergara Cerqueira.
E-book (PDF) : 110 MB
ISBN: 978-65-86440-59-1

1. História. 2. Epidemias. 3. Sociedade. 4. Civilizações. 5. Covid-19. I.
Cerqueira, Fábio Vergara, org. II. Axt, Gunter, org. III. Ferreira, Renata
Brauner, org. IV. Título.

CDD: 904

SUMÁRIO

10

VIVER E MORRER NA PESTE. APRESENTAÇÃO À TRILOGIA
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA

16

PREFÁCIO
PEDRO C. HALLAL

17

PRÓLOGO. A EPIDEMIA NA HISTÓRIA
PEDRO PAULO ABREU FUNARI

24

**INTRODUÇÃO. EPIDEMIAS NO CURSO DA HISTÓRIA:
SOBRE O VIVER ANTES, DURANTE E DEPOIS DAS PESTES**
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA, GUNTER AXT E RENATA BRAUNER FERREIRA

33

**01. EPIDEMIA NO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA:
ISOLAMENTO SOCIAL NA MESOPOTÂMIA**
KATIA MARIA PAIM POZZER

49

**02. UMA PESTE ANUAL QUE VEM APÓS A INUNDAÇÃO:
A MALÁRIA NO EGITO ANTIGO**
MOACIR ELIAS SANTOS

69

**03. DOENÇAS E EPIDEMIAS NA CHINA ANTIGA:
O MEDJING E UMA HISTÓRIA MILENAR DE APRENDIZADO MÉDICO**
ANDRÉ BUENO

85

04. A PESTE NOS MITOS GREGOS: CASTIGO DIVINO E AÇÃO HUMANA
ARTUR COSTRINO



101

**05. DA DOENÇA AO COLAPSO CÍVICO:
A EPIDEMIA EM ATENAS (430-426 A.C.)**

FÉLIX JÁCOME NETO

118

**06. AS PESTES EM ROMA E O TEATRO DA MORTE:
LUGAR-COMUM E MORTICÍNIO EM TÁCITO, SUETÓNIO E TITO LÍVIO**

ALEXANDRE AGNOLON

138

**07. JESUS E A CURA DO LEPROSO. O AMBIENTE HISTÓRICO-RELIGIOSO
DA LEPRO NA ANTIGA BACIA MEDITERRÂNICA**

ANDRÉ L. CHEVITARESE E JULIANA B. CAVALCANTI

149

**08. O APOGEU DO IMPÉRIO ROMANO MACULADO POR UMA PESTE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESTE ANTONINA (165-180 D.C.)**

DEIVID VALÉRIO GAIA

175

09. PESTE NEGRA E O IMAGINÁRIO DA DOENÇA NO OCIDENTE

MARIA LETÍCIA MAZZUCCHI FERREIRA

190

**10. FLORESTAS, DESERTOS E CONTEXTOS EPIDÊMICOS NA ÁFRICA
SUBSAARIANA (SÉCULOS XIV-XVII)**

JOSÉ RIVAIR MACEDO

203

11. EPIDEMIAS E CONVERSÃO NO NOVO MUNDO DURANTE O SÉCULO XVI

MARIA BERBARA

219

**12. O CÓLERA E A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA
NO EXTREMO SUL DO BRASIL (1880 - 1886)**

LARISSA PATRON CHAVES

231

13. BUENOS AIRES E A EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA DE 1871

FABIANO QUADROS RÜCKERT

247

14. VARÍOLA: DO FLAGELO EPIDÊMICO AO TUBO DE ENSAIO

ANNY JACKELINE TORRES SILVEIRA

262

**15. VIDA E MORTE EM TEMPOS DE ESCRAVIDÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS
DOENÇAS QUE ASSOLAVAM A POPULAÇÃO ESCRAVIZADA NA CIDADE DE PELOTAS
EM FINS DO PERÍODO ESCRAVISTA**

ANGELA POMATTI E FERNANDA OLIVEIRA

276

16. A TUBERCULOSE E OS SEUS PÉS DE LÃ (PELOTAS, RS, 1890-1930)

LORENA ALMEIDA GILL

291

**17. A MALÁRIA NA FERROVIA DO DIABO: OUTRA PESTE PROVOCA MORTE DE ÍNDIOS
E DE TRABALHADORES NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

ANDRÉA CASA NOVA MAIA

307

18. EPIDEMIA E SOCIEDADE: PELOTAS SOB O DOMÍNIO DA GRIPE ESPANHOLA EM 1918

RENATA BRAUNER FERREIRA

322

**19. GRIPE ESPANHOLA E TUBERCULOSE NA ARGENTINA.
A INTERSECÇÃO DE DUAS PESTES EM 1918 E 1919**

ADRIÁN CARBONETTI

334

**20. O ISOLAMENTO COMO MEDIDA PROFILÁTICA:
LUGARES DE SEGRAÇÃO DA LEPRO NO RIO GRANDE DO SUL**

JULIANE C P SERRES

351

21. A POLIOMIELITE NA ARGENTINA EM MEADOS DO SÉCULO XX

ADRIANA C ALVAREZ

360

22. UMA EPIDEMIA NA DITADURA: A MENINGITE EM MINAS GERAIS (1972-1975)

RITA DE CÁSSIA MARQUES



382

23. UMA EPIDEMIA E UM MOVIMENTO SOCIAL CHAMADO SOLIDARIEDADE AIDS

KAREN BRUCK

394

24. VIVENDO A PESTE GAY NA PORTO ALEGRE DOS ANOS 90

FERNANDO SEFFNER

411

25. COMPANHEIRAS MORTÍFERAS: AS EPIDEMIAS E AS GUERRAS CONTEMPORÂNEAS

CARLOS ROBERTO CARVALHO DARÓZ

423

26. DOS MIASMAS AO VÍRUS: O CONHECIMENTO SOBRE AS EPIDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA

LILIAN AL-CHUEYR PEREIRA MARTINS E MARIA ELICE DE BRZEZINSKI PRESTES

441

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

08

O APOGEU DO IMPÉRIO ROMANO MACULADO POR UMA PESTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESTE ANTONINA (165-180 D.C.)

DEIVID VALÉRIO GAIA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
dvaia@hotmail.com

“Tanta autem pestilentia fuit, ut vehiculis cadavera sint exportata serracisque”

História Augusta, “Vida de Marco Aurélio” XIII.3

INTRODUÇÃO

A Peste Antonina, também conhecida como Peste de Galeno, teve várias ondas que assolaram o pujante Império Romano da Mesopotâmia à Lusitânia, entre 165 – 180 (e, depois, entre 189-192), afetando inclusive as regiões menos populosas, como a Gália e Germânia; no seu auge, aproximadamente 2000 pessoas morriam por dia somente na cidade de Roma. Estima-se que em torno de 15 milhões de pessoas sucumbiram à peste, numa época na qual o Império Romano tinha em torno de 60 milhões de habitantes. Até hoje, a definição desses números é um campo de fervorosos debates, sobretudo no que tange às discussões sobre o impacto demográfico e demais consequências da peste. O Império Romano, nessa ocasião, era governado por dois imperadores: Marco Aurélio, o imperador filósofo, e, seu irmão adotivo, Lúcio Vero, que possivelmente foram vítimas da epidemia. Depois, durante o retorno da peste em 189-192, o Império era governado por Cômodo, filho de Marco Aurélio. Como foi um longo período de contaminação e letalidade, há uma documentação abundante, mas de interpretação delicada e de natureza muito variada. É a partir do estudo dessa documentação, sobretudo a de natureza literária, que formulamos nossas preocupações ao apresentar considerações iniciais sobre

a origem da Peste Antonina, seu desenvolvimento, sua remediação e consequências do pós-peste a partir das perspectivas social, política, religiosa, cultural e econômica. Também não ficarão de fora da nossa análise, questões específicas relacionadas a sintomas, contágio, taxas de letalidade, comportamento dos poderes públicos e experiências místicas e religiosas.

O IMPÉRIO ROMANO NO SÉCULO II D.C.: BREVES CONSIDERAÇÕES

“O universo se tornou uma cidade única”, escreveu Élio Aristides, na época antonina, e acrescentou: “O mundo inteiro está em festa, pois deixou seus armamentos para se abraçar à alegria de viver” (*Orações* 26.II.). Havia, segundo alguns autores do século II d.C., uma satisfação em viver no Mediterrâneo por conta do período de paz e de liberdade. Certamente, foi uma das épocas mais prósperas de toda a Antiguidade. Esse período experimentou uma espécie de “globalização” à escala da época, com uma grande explosão demográfica e isso fica muito claro nas palavras de Élio Aristides, no discurso que foi proferido em Roma, no ano de 143, mostrando a vivacidade das trocas comerciais:

Para cá [Roma] aflui de todas as partes da terra e do mar tudo aquilo que produz, nas diversas estações, cada província, e rios e lagos, e manufaturas de gregos e de bárbaros: para ver todas essas coisas não é preciso viajar de um canto a outro da terra, mas basta viver na cidade. Tudo o que é produzido em cada região, aqui se encontra sempre e em quantidade superior às necessidades. E tantos navios mercantes atracam, em todas as estações (...). E tantos carregamentos chegam da Índia, e até da Arábia feliz, que se pode duvidar se naquelas regiões sobrou algo nas árvores e se seus habitantes não deveriam vir aqui para pedir o que eles próprios produziram, caso precisem. E se veem os tecidos da Babilônia e outros gêneros de luxo daquelas longínquas terras bárbaras chegarem com muito mais frequência e facilidade do que as mercadorias antes enviadas de Citnos a Atenas. O Egito, a Sicília e a parte habitada da Líbia são vossos celeiros. Partidas e chegadas de navios sucedem-se ininterruptamente; é de se admirar que, não no porto, mas no próprio mar haja espaço para tantas embarcações. E assim como, segundo Hesíodo, nos confins do oceano há um lugar onde tudo conflui para o fundo do mar, e o princípio se une ao fim, é para aqui que tudo se dirige (...). Se algo não se encontra entre vós, pode-se dizer que não existe, ou que sequer existiu (*Elogio a Roma* 26.II-13)¹.

Essa Roma “globalizada”, se de um lado pôde experimentar o apogeu e as facilidades da vida cidadina, de outro lado também experimentou a peste de modo singular e como nunca visto antes, pois as rotas comerciais e o deslocamento das legiões criaram um terreno fértil para a disseminação da epidemia. A Peste Antonina colocou um freio no crescimento do pujante Império Romano.

Os imperadores antoninos foram, sem dúvida, os mais elogiados da história, tanto na Antiguidade quanto na Modernidade. Esses *principes* se tornaram modelos para os príncipes modernos. Os principados de Nerva (96-98), Trajano (98-117), Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161) e de Marco Aurélio (161-180) marcaram Maquiavel, que cunhou, em 1503, a expressão “dinastia dos cinco bons imperadores” (*Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* I.10.). No século XVIII, o historiador inglês Edward Gibbon fez um célebre louvor à época dos Antoninos que marcou para sempre a historiografia moderna, defendendo que foi a mais feliz de toda a humanidade: “Se fosse mister determinar o período da história do mundo durante o qual a condição da raça humana foi mais ditosa e mais próspera, ter-se-ia sem hesitação de apontar a que se estende da morte de Domiciano até a elevação de Cômodo”².

A dinastia antonina, além dos cinco bons imperadores de Maquiavel, teve mais dois, Lúcio Vero, que governou conjuntamente a Marco Aurélio (161-169), e Cômodo (180-192), filho de Marco Aurélio. Para compreender um pouco o período estudado, convém destacar rapidamente que, no final do século I d.C., o Senado escolheu um dos seus para ser imperador de Roma, Nerva (96-98). Ele morreu muito rápido por conta de sua idade avançada, mas antes disso adotou o jovem Trajano, de origem hispânica (o primeiro imperador não romano) e muito respeitado pelo exército. Esse imperador, por sua vez, entre 98 e 117, levou o Império Romano aos confins do Oriente, ao conquistar a Mesopotâmia, o sonho dourado de um conquistador. Foi o apogeu do Império. A região da Dácia (atual Romênia) foi conquistada e suas minas de ouro foram exploradas, o que criou um enorme fluxo de riqueza no Mediterrâneo. Trajano foi sucedido pelo seu primo e filho adotivo, Adriano, que, por sua vez, encarregou-se de unir o Império a partir de uma política pacifista, com fronteiras (*limes*) bem definidas. Ele deu grande destaque às cidades do Oriente. Foi, sem dúvida, um dos imperadores mais cosmopolitas. Adriano queria ser sucedido pelo jovem Marco Aurélio, muito estudioso da filosofia grega, como o próprio Adriano o era e que, além de seu predileto, era seu sobrinho. No entanto, haja vista a tenra idade de Marco Aurélio, Adriano adotou Antonino Pio, que ficou conhecido como o imperador da paz e da prosperidade, governando Roma entre 138-161. Com a morte de Antonino Pio, Marco Aurélio assumiu o trono, conforme desejara Adriano, e o fez ao lado de seu irmão adotivo Lúcio Vero, com quem dividiu o poder. Depois de sua morte, em 180, foi sucedido pelo seu filho Cômodo (180-192), último imperador da dinastia³. Logo abaixo, apresentaremos mais informações quanto a Marco Aurélio.

Se, por um lado, a dinastia antonina é conhecida como a época dourada romana; por outro, também é conhecida como o início da *época de ferrugem* (expressão utilizada por Dión Cássio para apresentar o Principado de Cômodo), dada a eclosão de proble-

mas ligados à peste, à fome e à guerra que levaram o Império romano à famosa crise do século III. Crise esta que mudou para sempre a estrutura política do Principado, famoso pelos seus imperadores da dinastia júlio-claudiana (Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero), da flaviana (Vespasiano, Tito e Domiciano) e da antonina (Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cômodo). Os três últimos tiveram que lidar com o fenômeno da peste como nenhum outro.

É sobre o contexto de peste que esse texto tratará. Procuraremos apresentar uma abordagem geral da peste, preocupando-nos, sobretudo, com alguns elementos trais que a envolvem como, por exemplo, a sua origem, o seu desenvolvimento, a sua possível remediação e as consequências do pós-peste a partir das perspectivas social, política, religiosa, cultural e econômica. Também abordaremos questões específicas relacionadas aos sintomas, contágio, taxas de letalidade, comportamentos dos poderes públicos e experiências místicas e religiosas.

AS FONTES SOBRE A PESTE ANTONINA

A Peste Antonina é uma das mais bem documentadas da História Antiga. Temos vários *corpora* documentais, mas todos muito dispersos e de interpretação delicada. Essa peste também é conhecida pelo nome de Peste de Galeno, famoso médico go que prestou serviços ao Império no combate à epidemia e que apresentou algumas considerações sobre a mesma no *Methodus Medendi* (“Método Terapêutico”). Não dedicou um livro exclusivo à peste, mas, ao longo de sua vida, apresentou informações relacionadas a ela no conjunto de sua obra. Infelizmente, muita coisa se perdeu⁴.

Além de Galeno, temos mais dois autores que foram coetâneos à Peste Antonina. O primeiro foi o sofista Élio Aristides, conhecido por suas preocupações hipocôndriacas. Ele foi contaminado em 165 e descreveu os sintomas da peste, embora pareça um pouco confuso. Luciano de Samósata, o segundo autor, também apresenta o contexto de peste ao escrever sobre Alexandre de Abonuteichos, um sacerdote de Asclépio, deus da medicina. Ele o apresenta como um charlatão detestável que se aproveitava das pessoas durante o período de contaminação para ganhar dinheiro (Luciano *Alexandre* 34).

Para o século III d.C., temos os relatos de Díon Cássio, um historiador e senador de origem grega que escreveu a importante obra a *História romana*. Pouca coisa sobreviveu quanto à época de Marco Aurélio em si, mas no seu livro sobre a época de Cômodo ele apresentou os efeitos de uma nova onda da peste na cidade de Roma. É ele que nos revela que em torno de duas mil pessoas morriam por dia durante o pico do contágio. Foi testemunha ocular deste período (Díon Cássio *História de Roma* LXXII.14.3-4.). Outro escritor que viveu nessa época e que apresentou a peste do perí-

odo de Cômodo foi Herodiano, autor de uma obra sobre o Império Romano após Marco Aurélio (de 180 a 238).

Durante o século IV d.C., temos um número maior de autores que retrataram o período da Peste Antonina. A mais importante obra intitula-se *História Augusta*, que aborda a peste de modo indireto nas biografias dos imperadores Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cômodo. Há outros relatos menores, mas também de grande importância, como os de Eutrópio e Aurélio Victor. Eutrópio nos oferece importantes informações sobre o impacto demográfico da peste. Foi Amiano Marcelino quem nos informou sobre a origem da peste e sobre sua disseminação pela Gália e pela Germânia (*História XXIII.6.24*).

Por fim, Paulo Orósio, autor do século V d.C., escreveu que muitas cidades e vilarejos das penínsulas Itálica e Hispânica perderam todos os seus habitantes. Os autores tardios tendem a insistir de modo mais enfático e até mesmo dramático sobre os efeitos devastadores da peste, se comparados aos autores que viveram efetivamente o período.

Para se estudar esse tema, há também um conjunto de registros epigráficos, como a famosa inscrição de Antioquia, que apresenta detalhes da peste em um texto sobre o oráculo de Alexandre⁵. Há também seis inscrições do oráculo de Apolo de Caros (*Epigraphica Anatolica XXVII.1996*)⁶. As sepulturas da época também nos oferecem informações sobre a peste. Os arqueólogos têm se dedicado ao estudo demográfico a partir da análise de uso do solo para indicar os seus efeitos demográficos. Trata-se de um tema muito atual na historiografia sobre a economia do mundo antigo e é um campo de grandes debates entre historiadores, especialistas da economia, da demografia e das ciências da saúde. Além das fontes de época, há, também, livros e artigos importantes de autores que se debruçaram sobre este tema e que podem ser conferidos na bibliografia, no final deste artigo.

MARCO AURÉLIO E GALENO

Nesse contexto de peste, temos dois personagens muito importantes e é imprescindível que os conheçamos antes de entrarmos especificamente no tema especificamente. O primeiro foi o imperador Marco Aurélio; e o segundo o médico Galeno. Há outros personagens também importantes, como Lúcio Vero e Cômodo, que veremos ao longo do texto.

Marco Aurélio nasceu em Roma, em 26 de abril de 121, no seio de uma família patriciana, com o nome Marco Ânio Catílio Severo, posteriormente alterado para Marco Ânio Vero. Adriano o chamava carinhosamente de *Annius Verissimus* (o mais sincero). Era o preferido do então imperador para herdar o trono, juntamente com o jovem

Lúcio Vero, filho de Élio César (primeiro filho adotivo de Adriano). Porém, quando Adriano deveria escolher seu herdeiro, Marco Aurélio ainda era muito jovem. O recurso tomado por Adriano foi o de adotar Antonino Pio, homem de moral exímia que não tinha filhos, que poderia garantir a transição do poder para Marco Aurélio, que, à época, tinha somente 17 anos. Assim, Antonino Pio, logo no início do seu principado, adotou Marco Aurélio e Lúcio Vero. Após a morte de Antonino, Marco Aurélio (que passa a ter esse nome a partir de então) e Lúcio Vero dividiram o trono, sem dividir o Império, através de um pacto de fidelidade e cooperação⁷.

Devido ao seu amor pelos estudos e pela filosofia estoica e também pelo seu caráter moderado e sábio, ficou conhecido como o imperador filósofo. Herodiano afirmou que, de todos os príncipes que tomaram para si o título de filósofo, Marco Aurélio foi o único que o mereceu (Herodiano *História Romana* I). Durante o seu principado enfrentou dificuldades extraordinárias, como a peste, a fome e a guerra, mas conseguiu salvar o Império (Dion Cássio 71). Para Herodiano, Marco Aurélio era perfeito no que se referia à prática das virtudes do homem romano. O príncipe deveria ser virtuoso para que os cidadãos o imitassem. Segundo Aurélio Victor, Marco Aurélio foi um dos imperadores mais homenageados em vida e depois de sua morte, com colunas e templos (Aurélio Vítor *História Romana* XVI.1).

Para Marco Aurélio, o objetivo do homem seria viver de forma digna o seu presente, desempenhar seu papel como sendo útil ao bem comum, pois os indivíduos, ligados à natureza, construiriam um todo que é o universo, já que o fim último da vida era o bem (Marco Aurélio, *Meditações*). O imperador da paz, que tinha o bem como fim, acabou por se transformar, por força do contexto, no imperador da guerra e teve que conviver, combater e ser vítima da peste. Enquanto Trajano erigiu uma coluna representando o triunfo de uma guerra ofensiva que só enriqueceu Roma, Marco Aurélio, por sua vez, erigiu uma coluna de guerra defensiva que só empobreceu Roma e seu Império com uma grande perda demográfica por conta da alta mortalidade da guerra e da Peste Antonina. O Principado nunca se recuperou dessa crise. Para Dión Cássio em LXXII.36.4 e Herodiano em II.14.3, Marco Aurélio foi o último imperador de uma Roma feliz.

Há duas biografias importantes sobre o imperador Marco Aurélio, acessíveis ao grande público leitor de língua portuguesa e espanhola. A primeira, escrita por Pierre Grimal, nos anos 1990, embora seja uma obra muito importante, praticamente ignora a Peste Antonina. A segunda, mais recente, foi escrita por Anthony Birley, em 2000, e publicada em espanhol pela editora Gredos, em 2019. É tida como uma referência para os estudos sobre Marco Aurélio.

Quanto a Cláudio Galeno, conhecido também como Galeno de Pérgamo, de origem abastada, nasceu em 129 em Pérgamo e morreu por volta de 215. Tornou-se ilustre por sua dedicação à filosofia e à medicina investigativa. Seus estudos inspiraram o desenvolvimento da ciência e da medicina, uma vez que fazia dissecação de animais e registrava os procedimentos analíticos. A obra de Galeno foi referência até o início da Era Moderna para tudo que se referia às artérias, anatomia, ossos e também nervos. Galeno foi um dos primeiros médicos da história que realizou cirurgia para correção de catarata (*Sobre as faculdades da alma* 5). Ele narrou que foi “predestinado” à medicina, haja vista que seu pai sonhara que o deus da medicina Asclépio (ou Esculápio) ordenou que o filho se dedicasse a essa área. Sendo assim, aos 16 anos, Galeno começou seus estudos no santuário de Asclépio em Pérgamo. Algumas de suas obras chegaram até nós, como, por exemplo: *Sobre a localização das enfermidades*, *Procedimentos Anatômicos*, *Método Terapêutico*, *Sobre as faculdades naturais*, *Sobre as faculdades da alma*, entre outros. Durante a Peste Antonina, mais especificamente, entre 169 e 176, escreveu mais de quarenta tratados de medicina e muitos se encontram publicados nos *Procedimentos Anatômicos*⁸. Até 180, data da morte de Marco Aurélio, Galeno dedicou-se às funções de médico da corte, ao ensino e redação de tratados médicos e filosóficos⁹. Véronique Boudon-Millot é uma renomada estudiosa da obra de Galeno e seu artigo “Galeno face à Peste Antonina” apresenta uma visão muito atualizada sobre o tema¹⁰.

A PALAVRA “PESTE” (PESTIS)

Quanto à utilização da palavra “peste”, cabe apresentar rápidas informações. De todas as pestes da história, sem dúvida a Peste Negra, que dizimou cerca de cinco milhões de pessoas no século XIV, é a mais conhecida. Seu patógeno foi descoberto em 1894 por Alexandre Yersin, aluno de Louis Pasteur, o pai da microbiologia. Em homenagem a Yersin, a bactéria causadora da peste negra passou a levar seu nome: *Yersinia pestis*. Mas a palavra “peste” vai além da designação da peste negra. Em português, de acordo com o dicionário Aurélio, além de designar a peste negra ou peste bubônica, o termo também designa “doença epidêmica e contagiosa”. Também há um sentido figurativo, designando toda forma de corrupção moral ou física como peste. O termo também tem um sentido informal, ligado às pessoas que gostam de criar confusão.

A palavra viu a luz do dia na Antiguidade, mas não nasceu com o sentido atual. No final da República Romana, o termo *pestis* já tinha aparecido na obra de Cícero para indicar grande destruição, catástrofe ou calamidade. Logo mais tarde, o termo foi atrelado ao desenvolvimento de doença contagiosa, epidêmica, que provocava, em si, grande calamidade e mortes, *malam pestem oppetere*. A palavra deriva de *pestilentia*¹¹. No final da Antiguidade, durante a época de Justiniano, *pestis* já indicava fenômenos

epidêmicos de alta mortalidade, conhecidos frequentemente, como mostrou Giorgio Cosmacini, por *febris pestilentialis*, *infirmetas pestifera*, *morbis pestiferus*, *morbis pestilentialis*, *mortalitas pestis*, ou simplesmente como *pestilentia*¹². É certo que a palavra, a partir da Idade Média, passou a ser usada para descrever a peste negra (causada pela *Yersinia pestis*) e a partir de então ficou mais restrita às epidemias. Véronique Boudon-Millot faz uma atualizada discussão sobre o uso correto do termo para se referir às pestes da Antiguidade, em especial à Peste Antonina¹³.

Outro modo de caracterizar o termo peste no mundo antigo era a palavra “praga” (πλαγά, *plaga*), que aparece na bíblia *Septuaginta* para caracterizar as pragas do Eto. Na Antiguidade, as palavras *pestis* e *plaga* muitas vezes se confundem e indicam nômicos de alta mortalidade. O equivalente em grego é λοιμός, *loimos*. Ocorrem entre os gregos o termo *epidemios* (*epi* e *demos*), ou seja, “sobre o povo”, *nossos* (doença) ou *loimos* (praga) – termos mobilizados por Tucídides para descrever a Peste de Atenas. Hoje, usamos a palavra “pandemia” (*pan* e *demos*), “sobre todo o povo”, para designar doenças em escala global. Embora muitos historiadores prefiram chamar a Peste Antonina de Praga Antonina, neste texto, por questões didáticas, utilizaremos o termo “peste” (Peste Antonina) por se tratar de uma tradução da palavra antiga que expressava calamidade ou catástrofe. Nesse sentido, uma catástrofe sanitária. No entanto, em hipótese alguma esse termo pode ser confundido com a *Yersinia pestis* no seu sentido medical, que designa a bactéria causadora da peste negra, pois eles não são sinônimos. A Peste Antonina não foi provocada pelo bacilo *Yersinia pestis*, mas possivelmente pelo vírus da varíola.

SOBRE A ORIGEM DA PESTE ANTONINA

As fontes do século IV d.C. apresentam uma origem “sobrenatural” da Peste Antonina, que deve ser levada em consideração, pois indica, de certo modo, o local e a data aproximada das primeiras contaminações. Nesse sentido, o primeiro registro da peste data de 165. As legiões de Avidio Cássio saquearam a cidade de Selêucia (antiga cidade na Babilônia, hoje no atual Iraque), na parte oriental do Império. Um soldado ousou profanar o templo dedicado ao deus Apolo; lá, havia uma caixinha dourada que não deveria ser aberta (a exemplo do mito da caixa de Pandora), mas, acidentalmente o soldado a abriu e dela saiu o ar pestilento que começou a matar o exército. A peste foi vista como um castigo dos deuses, pois a cidade não deveria ter sido saqueada, tampouco o templo.

Essa narrativa foi apresentada pelo autor da *História Augusta* em “Vida de Lúcio Vero” VIII.2: “Diz-se também que a peste teve origem em Babilônia, quando, no templo de Apolo, um sopro pestilento saiu de uma arquinha dourada, que um soldado tinha

acidentalmente aberto, e que dali se espalhou aos Partos e ao orbe”. Amiano Marcelino, no século IV, trouxe também essa narrativa e acrescentou que, depois do templo ter sido profanado, os soldados entraram e encontraram a pequena caixa. Eles pensavam se tratar de um tesouro, mas, dentro dela havia a ciência dos antigos povos caldeus. Depois de ter sido aberta, dela saiu uma terrível peste que contaminou e matou muita gente da Pérsia à Germânia e em toda a Gália (Amiano Marcelino *História* XXIII.6.24).

De outro lado, Luciano de Samósata, contemporâneo à peste, atribui sua origem à Etiópia, sugerindo que de lá alcançou o Egito e depois a Ásia. No entanto, essa afirmação é de difícil comprovação. Também há indícios menos importantes de que a peste possa ter aparecido primeiramente no Egito, e que o resto do Mediterrâneo foi contaminado por conta do trigo comprado do Egito que estaria, *a priori*, servindo como propagador da doença. Apesar das diferentes versões, é mais consensual entre os historiadores que a peste tenha se originado efetivamente no Oriente. Nesse sentido, Rafe de Crespigny defende em seus estudos que uma epidemia do mesmo tipo surgiu na China, antes do ano de 166, e a partir dessa informação, o autor sugere que a Peste Antonina era de origem chinesa¹⁴. E de lá chegou ao Oriente Romano e depois sabemos como ela se difundiu pelo Mediterrâneo. Cabe informar que as trocas entre Ocidente e Oriente – o famoso comércio com a Índia e a “rota da seda” – eram vigorosas nessa época. Portanto, essa tese não deve ser descartada. A narrativa de Élio Aristides, que abre este texto, é uma prova contundente das vivazes relações entre Roma e o Extremo Oriente (*Elogio a Roma* XXVI.II-13). O Mediterrâneo “globalizado” foi um terreno perfeito para a disseminação da epidemia.

A PESTE ANTONINA NO TEMPO E NO ESPAÇO

O primeiro relato sobre o aparecimento da epidemia, como vimos acima, data de 165, portanto, os historiadores defendem que ela iniciou neste ano, podendo, obviamente, ter feito muitos óbitos no Oriente antes desta data. Em 169, o imperador Lúcio Vero morreu, possivelmente vítima da peste; depois, em 180, foi a vez de Marco Aurélio. A data estabelecida comumente para o fim da epidemia é de 180, porque Marco Aurélio, no leito de morte, falou sobre a peste, mas também porque Galeno reporta um novo surto de peste nos seus escritos durante esse ano. No entanto, é difícil defender esta data de modo rígido porque, nove anos depois, sob o Principado de Cômodo, uma nova onda sobreveio (189-192) e o imperador foi obrigado a se isolar para se proteger. Novas medidas sanitárias foram tomadas pelos poderes públicos. Com isso, é difícil defender com segurança as datas da epidemia, mas é certo dizer que de 165 até meados de 192, o Império Romano teve muitas perdas humanas para as pestes (ou a mesma peste) que assolaram o Mediterrâneo.

O contágio foi muito rápido e se propagou pelo Império em menos de cinco anos. A peste, iniciada em 165 no Oriente em Selêucia, em menos de um ano já fazia suas vítimas em Roma. Concomitante a isso, com o deslocamento das legiões para combater os marcomanos ao sul do Danúbio, a peste se alastrou pela Germânia e pela Gália, informação corroborada por Amiano Marcelino em *Histórias* XXIII.6.24. Em 165 a região de Éfeso foi tomada pela peste de acordo com a narrativa de Élio Aristides. Paulo Orósio, autor do final do século IV e início do século V d.C., escreveu que muitas cidades e vilarejos das penínsulas Itálica e Hispânica perderam todos os seus habitantes. Eutrópio também defendeu que muitas cidades foram dizimadas. A peste se alastrou pelo norte da África, tanto pela parte Ocidental quanto pela Oriental. Há muitos papiros egípcios que mostram os efeitos desastrosos na vida cotidiana do vilarejo de Socnopaiou Nesos, que foi completamente dizimado em 179. Enfim, a difusão foi rápida e letal em todo o Mediterrâneo.

Os romanos acreditavam que a contaminação se dava pelo ar e uma forma de escapar à peste era fugir para lugares verdes com ar puro. Para Herodiano, em *História Romana* I.3, durante a peste da época de Cômodo, o ar limpo era o remédio mais indicado para combatê-la. Por acreditarem nesse remédio, os ricos se trasladavam para as suas casas de campo e acabavam, assim, por contaminar também as regiões rurais. Por isso, há registros de vilarejos de camponeses dizimados, o que pode explicar os períodos de falta de abastecimento alimentício durante a peste. Não há relatos sobre isolamento social, no entanto os médicos de Cômodo solicitaram que ele fosse para o campo e se distanciasse da cidade durante o pico da doença. Marco Aurélio, em 180, no seu leito de morte se despede do filho discretamente e mantendo certa distância para que ele não fosse contaminado. Ao que parece, os romanos acreditavam que o distanciamento era importante para evitar o contágio.

A Peste Antonina alcançou proporções que não tinham até então sido relatadas na Antiguidade. É a primeira grande peste do mundo antigo e se pensarmos no mundo conhecido da época, que abrange hoje Europa, África e Ásia, essa peste teve configurações globais. Por isso, podemos considerar a Peste Antonina como uma pandemia, pois embora não tivesse se alastrado por todo o globo terrestre como o conhecemos hoje (incluindo Oceania e América), ela se espalhou pelas regiões conhecidas e habitadas à época do ponto de vista mediterrânico.

OS SINTOMAS DA PESTE ANTONINA

Até hoje, os historiadores ficam muito divididos ao apresentar o diagnóstico da Peste Antonina. Segundo Galeno, a peste era aterrorizante e durou muito tempo. O médico de Pérgamo descreveu os sintomas da peste na obra *Methodus Medendi* (X.367),

mas a descrição é imprecisa e confusa. Ele não dedicou um livro específico à peste. As informações se encontram espalhadas no conjunto de sua obra. Daí a dificuldade de se estabelecer com certeza o diagnóstico da doença. Como sintomas clássicos, Galeno cita febre alta, diarreia de fezes escuras, hálito fétido, vômitos, faringite e, em muitos casos, erupções cutâneas que podiam ser secas ou purulentas. Essas erupções eram como pequenos tumores inflamatórios. No entanto, esses últimos sintomas apareciam entre o oitavo e décimo dia da doença. Marco Aurélio sucumbiu ao sétimo dia, possivelmente vítima da peste. Gravioto e Garcia destacam que os sintomas da peste apresentados por Galeno são muito parecidos com aqueles narrados por Tucídides para descrever a Peste de Atenas¹⁵.

Élio Aristides também apresentou os sintomas nos seus escritos, pois ele fora contaminado. O autor descreve que teve febre alta ao ponto de ter alucinações. Conta que ficou muito fraco e que mal podia se alimentar. Seu estado foi tão grave que os médicos desistiram de tratá-lo. Mas como esse autor é conhecido por ser muito condríaco, não é fácil analisar os sintomas por ele apresentados (Élio Aristides *Discursos Sagrados* II.41). De todo modo, a partir dos sintomas descritos na documentação literária, só podemos especular sobre o verdadeiro diagnóstico da doença sem trazer uma resposta definitiva.

Os sintomas descritos por Galeno são muito parecidos com os da varíola, mas também se parecem com os do sarampo. Até hoje, os historiadores debatem sobre os “verdadeiros” sintomas da Peste Antonina. Alguns defendem que o Império Romano foi impactado de 165 até 270 por várias ondas de peste, ora de sarampo, ora de varíola. William McNeill estudou a Peste de Cipriano que assolou o Império entre 251 e 270, defendendo que essa peste era diferente da Antonina e pode ter sido de sarampo ou de varíola¹⁶. No entanto, há muita dificuldade para estabelecer o diagnóstico, pois as fontes antigas narram que os animais também eram afetados durante a peste que assolou Roma entre 189-192, logo após a Peste Antonina. Outra dificuldade suplementar para estabelecer o diagnóstico advém do fato de que os patógenos sofrem mutações ao longo do tempo.

Vejamos quais são, hoje, os sintomas clássicos do sarampo:

Os sintomas se manifestam entre 10 e 14 dias após a exposição ao vírus e incluem coriza, tosse, infecção nos olhos, erupção cutânea e febre alta. Três a cinco dias após o início dos sintomas, uma erupção cutânea explode. Geralmente, começa como manchas vermelhas planas que aparecem no rosto na linha do cabelo e se espalham para o pescoço, tronco, braços, pernas e pés¹⁷.

Agora, vejamos os sintomas da varíola:

A varíola maior apresenta um período de 10 a 12 dias de incubação (varia de sete a 17 dias), seguido por dois a três dias de pródromo, com febre, cefaleia, dor lombar e intenso mal-estar. Algumas vezes, dor abdominal acentuada e vômitos ocorrem. Seguindo o pródromo, lesões maculopapulares se desenvolvem na mucosa orofaríngea, na face e nos braços, disseminando-se logo depois para o tronco e as pernas. As lesões orofaríngeas ulceram-se rapidamente. Após um ou dois dias, as lesões cutâneas tornam-se vesiculares e, em seguida, pustulares. As pústulas são mais densas na face e nas tremidades do que no tronco e podem aparecer nas palmas. São redondas, tensas e parecem estar aderidas profundamente. Após oito ou nove dias, as pústulas transformam-se em crostas¹⁸.

É difícil, hoje em dia, sem ter acesso a uma nova descoberta documental, fazer o diagnóstico exato da Peste Antonina. Mas as interpretações que defendem o diagnóstico de varíola são as mais aceitas entre os historiadores. R. Littman e M. Littman, em 1973, defenderam a hipótese de que a Peste Antonina se tratava de varíola, um dos primeiros surtos da doença documentados na história. G. Gilliam em 1961 também segue nesse mesmo sentido. Mais recentemente, nessa mesma perspectiva, seguem as conclusões da obra publicada por Catherine Virlouvet, Nicolas Tran e Patrice Faure. No capítulo intitulado “o equilíbrio precário da idade de ouro antonina”, os historiadores se mostram muito convencidos pela hipótese de a Peste Antoniana se tratar efetivamente de varíola¹⁹.

SOBRE O COMPORTAMENTO DOS PODERES PÚBLICOS FACE À PESTE

Quando a peste começou a fazer suas primeiras vítimas, os imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero convocaram o mais famoso médico da época, Galeno – que na ocasião vivia em Pérgamo – para trabalhar no combate à epidemia. Marco Aurélio ficou em Roma durante o período mais crítico.

Diante do grande número de mortos e diante da incapacidade de combater efetivamente o inimigo invisível, que inclusive matava os soldados e atletas, Marco Aurélio conseguiu oferecer à população o que estava ao seu alcance e o que era uma honraria para os romanos: um funeral digno às vítimas da peste. Algumas vítimas mais ilustres puderam obter até mesmo estátuas que foram erigidas para homenageá-las. No entanto, como a peste matava milhares de pessoas por dia, os cadáveres passaram a ser transportados em carroças. O imperador precisou criar leis para regular os enterros (*História Augusta* “Vida de Marco Aurélio” XIII.3). Os poderes públicos se empenharam para remediar essa crise sanitária, mas não obtiveram grande êxito devido à falta de recursos na época. Diante da falta de perspectiva, o sentimento religioso foi fortemente tocado.

SOBRE AS EXPERIÊNCIAS MÍSTICAS E RELIGIOSAS

A Peste Antonina foi a primeira grande epidemia do Império Romano. Os habitantes de todo o Mediterrâneo nunca estiveram tão próximos da morte. Essa angústia da população pode ter tido uma consequência religiosa muito forte, que é expressa na documentação por uma busca mais fervorosa pelos deuses e outras expressões relacionadas aos sentimentos religiosos, místicos, mágicos. Cabe ressaltar que ao longo da história se fez uso de inúmeros amuletos, orações, ações e rituais que tinham como objetivo proteger contra a peste. Na Idade Média havia uma oração para que Deus librasse os homens do tempo da peste, da fome e da guerra: *libera nos Domine a folgore et tempestate, a peste, a fame et bello*. No Egito antigo, no contexto de uma peste, invocava-se a proteção da deusa Sekhmet contra as epidemias.

Na época dos antoninos não foi diferente. O escritor Luciano de Samósata narra que um charlatão chamado Alexandre de Abonuteichos, respeitado sacerdote do templo de Apolo que tinha espaço até na corte imperial, aproveitou-se da epidemia para vender uma oração que protegia as casas daqueles que a compravam. A oração era colocada nas portas das casas, pois assim Apolo a protegeria. O problema é que o vírus não respeitava as orações e casas inteiras eram dizimadas, o que colocou o “religioso” em descrédito diante da cidade. E assim foi atacado por Luciano (*Alexandre* 34).

Aristides, na sua obra, escreve constantemente sobre o deus da medicina Asclépio, ou Esculápio. O deus lhe aparecia em sonho dando-lhe a esperança da cura contra a doença, pois ele fora contaminado. Asclépio nunca foi tão necessário quanto na Peste Antonina, e seu bastão com uma serpente enrolada era utilizado como um amuleto de cura. Até hoje é símbolo da medicina e representa o símbolo da bandeira da Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1946. Galeno, antes de descrever os sintomas da peste, informa que ela foi tão grande que sacerdotes eram chamados para rituais religiosos e que as pessoas também recorriam a todo tipo de magia para obter proteção.

O florescimento da religiosidade durante o período de peste também envolveu a busca por culpados. Os romanos acusaram os soldados de Avídio Cássio por terem profanado o templo de Apolo. Mas culpavam também os cristãos, tanto que Tertuliano escreveu que tudo o que acontecia de ruim no Império Romano era creditado aos cristãos, “se a terra treme, se a fome e a peste chegam, então, os romanos clamam: os cristãos devem ser jogados às feras” (Tertuliano *Apologia* 40.2). Orósio, por outro lado, escreveu que a peste adveio como punição de Deus porque os romanos perseguiram os cristãos (*História contra os pagãos* VII.15.5). Há de se destacar que Marco Aurélio foi conhecido por ser um dos imperadores que mais perseguiram os cristãos, pois os via como fetichistas e fanáticos. Ele empreendeu uma grande perseguição que deu lugar a alguns dos primeiros mártires do cristianismo, como a Santa Blandina (162-177), pa-

droeira da cidade de Lyon (antiga *Lugdunum*), torturada e morta aos 15 anos sob as ordens de Marco Aurélio. Então, para os cristãos, a peste foi um castigo de Deus contra o “paganismo romano” e as perseguições imperais. De outro lado, para os romanos tradicionais, a peste era um castigo dos deuses por conta dos cristãos e também por causa da profanação do templo de Apolo em Selêucia. No entanto, o relato que culpa os cristãos é posterior à época de peste. Não podemos esquecer que durante os períodos de crise na história há sempre uma busca pelos culpados, algo análogo, e muito mais grave, aconteceu durante a Peste Negra com o aumento do antissemitismo.

Inúmeros são os exemplos que poderíamos trabalhar a respeito deste tema, pois a peste criou um terreno mais fértil e criativo para o aparecimento de superstições de tipos variados e para o fortalecimento de cultos de deuses tradicionais e de deuses monoteístas, como os cultos a Mitra e a Cristo. Segundo B. Rossignol, esse clima de ansiedade religiosa pode explicar a progressão de novas formas de religião, cristãs ou orientais²⁰. Certamente, a peste provocou uma mudança de mentalidade que deve ser investigada com atenção.

AS MAIS ILUSTRES VÍTIMAS DA PESTE

As primeiras notícias da peste se alastraram no ano de 165. Como mostramos, ela originou-se no Oriente, durante a expedição de Lúcio Vero. Nessa ocasião, Lúcio Vero e Marco Aurélio, que eram irmãos adotivos e que já tinham sido escolhidos por Adriano (em 138) para serem imperadores após Antonino Pio (138-161), governavam Roma conjuntamente. Enquanto Marco Aurélio ocupou-se dos problemas no *limes* na guerra contra os germanos, Lúcio Vero, por sua vez, ocupou-se dos problemas ligados ao Oriente.

Quando as legiões de Lúcio Vero saíram do Oriente para Roma, levaram consigo a peste, e é por isso que o autor da *História Augusta* sugere que Lúcio Vero levou a peste às províncias a caminho de Roma (“Vida de Lúcio Vero” VIII.1). Em 169, depois que a peste já circulava pelo Mediterrâneo havia quase cinco anos, Lúcio Vero foi acometido por uma doença repentina que em três dias tirou a sua vida: “Lúcio foi atacado, na carruagem, por uma doença repentina, a que chamam apoplexia; retirado da carruagem e feita uma sangria, foi levado para Altino, e, depois de ter sobrevivido três dias sem pronunciar qualquer palavra, morreu em Altino” (“Vida de Lúcio Vero” X). Ele pode ter sido vítima da peste devido às circunstâncias de sua morte.

A partir da morte de Lúcio Vero, Marco Aurélio passou a governar sozinho. Ele foi acusado por alguns autores de ter envenenado o irmão, mas não há evidências e parece pouco provável, haja vista a boa relação estabelecida entre eles. Marco Aurélio

desde o início tentou frear a expansão da epidemia, mas os esforços foram em vão. A peste foi uma marca de sua época, pois esteve presente em 15 dos 19 anos em que exerceu o poder.

Marco Aurélio escrevia, ao longo de sua vida, pequenas meditações para ele mesmo, para que não se esquecesse dos preceitos filosóficos e das virtudes mais importantes para o homem e para o imperador. Numa dessas meditações, no livro IX, o imperador filósofo escreveu uma reflexão calcada no contexto da peste:

Seria um grande privilégio poder se despedir da sociedade humana sem j mais saber o que é a mentira, a falsidade, a preguiça e o orgulho. No entanto, já é feliz aquele que se despede deste mundo com nojo desses vícios. Então, por acaso, você prefere se entregar ao vício ou não lhe agrada a experiência de fugir desta peste? A corrupção da alma, que se destrói pelo vício, é uma peste muito mais fatal do que esta, que infecta o ar que você respira [ele a chama de *Λοιμός*: *loimos*, peste em grego]. Esta peste é própria dos seres vivos, enquanto animais; porém, a primeira, é peste dos homens, enquanto homens (Marco Aurélio *Meditações* IX.2 - tradução nossa).

O imperador Marco Aurélio, que se esforçou enquanto homem público para contrair uma solução a fim de conter a expansão e letalidade da peste, acabou, possivelmente, por ser vítima dela. Vejamos como o autor da *História Augusta*, no século IV d.C., narra a morte do imperador filósofo no ano de 180 d.C., na cidade de Vindobona, atual Viena (Aurélio Vítor *Sobre os Césares* XVI.14), durante a guerra contra os germanos:

A sua morte, porém, aconteceu assim: quando começou a sentir-se doente, chamou o filho e pediu-lhe, em primeiro lugar, que não menosprezasse o que restava da guerra, para que não parecesse que traía o Estado. (...) Depois, desejando morrer, absteve-se de alimento e de bebida e agravou a sua doença. Ao sexto dia, chamou os amigos e, rindo-se das coisas humanas e mostrando desprezo pela morte, disse-lhes: «porque chorais por mim e não pensais antes na peste e na morte comum? ». E, como eles tivessem a intenção de se retirar, disse, com um gemido: «se já me deixais, antecipando-me, digo-vos adeus». (...) Os soldados, uma vez conhecida a sua má saúde, sofriram muito, porque o amaram de uma forma única. Ao sétimo dia, piorou e só recebeu o filho, que despediu imediatamente, para não lhe transmitir a doença. Depois de despedir o filho, cobriu a cabeça, como que querendo dormir, mas, durante a noite, exalou o último suspiro (*História Augusta* “Vida de Marco Aurélio” XXVIII.1-9 - tradução de José Luís Brandão).

O imperador morreu no sétimo dia após o início dos primeiros sintomas de sua doença e sabendo do poder de contaminação, despediu-se do filho, Cômodo, rapidamente e com cautela. Como última reflexão, solicitou aos amigos que não chorassem

por ele, mas sim que pensassem na peste e na morte das pessoas comuns, indicando que até esse momento a peste continuava a fazer óbitos. Herodiano também escreveu que o imperador morreu depois de sete dias de agonia (*História Romana* I.3). Para Díon Cássio, Marco Aurélio não foi vítima da peste e sim de seu filho, Cômodo, que o envenenou (*História de Roma* LXXI.33). A morte de Marco Aurélio, e possivelmente a de Lúcio Vero, foram consequências graves da Peste Antonina para a história política do Império Romano. No entanto, essas análises das fontes não são seguras, pois os ares não são claros quanto à verdadeira causa da morte do imperador, apesar do autor da *História Augusta* colocar na boca de Marco de Aurélio a reflexão entre peste e morte. Devido ao contexto da época e à saúde frágil do imperador, defende-se que ele tenha sido vítima da peste. Mas esse também é um tema que até hoje divide opiniões.

LETALIDADE E CONSEQUÊNCIAS DA PESTE

O tema que mais divide os autores modernos sobre a Peste Antonina eslaçãoado às suas consequências para o Império Romano e essa discussão se tornou interdisciplinar, pois chama atenção de historiadores e arqueólogos, bem como de especialistas em demografia, economia e História da saúde. Quais foram os impactos da Peste Antonina sobre Mediterrâneo? Foram eles tão decisivos? Quais foram as consequências epidemiológicas para a demografia do Império Romano que se apoiava no uso da força das legiões? Dificilmente essas questões serão resolvidas satisfatoriamente neste artigo. No entanto, apresentaremos breves considerações.

Grandes nomes da historiografia da Antiguidade consideram que a peste não teve grande impacto, como Edward Gibbon e Michael Rostovtzeff. Pierre Grimal, autor de uma excelente biografia de Maro Aurélio, dedica pouquíssimas páginas à peste²¹. No entanto, há quem defenda que a peste significou o início do fim ou propriamente a causa da queda do Império, como K. Harper em seus mais recentes artigos²². Isso tudo remonta a uma antiga discussão sobre as crises do século III e período posterior, que era visto como Baixo Império, a partir de uma visão decadentista sobre o fim da Antiguidade. Hoje, os historiadores não seguem mais a tese decadentista e tampouco de desvalorização da Antiguidade Tardia²³. Essa mudança de mentalidade também contribuiu para elaboração de novas perspectivas investigativas com objetos e leituras que insistem sim em uma mudança, mas não necessariamente em uma crise irremediável que teria levado Roma a uma decadência iniciada com a Peste Antonina.

No bojo dessas novas leituras, as novas discussões sobre demografia também ganham destaque em torno da Peste Antonina, como mostra o volume de 2000 da

*Cambridge Ancient History*²⁴ e, posteriormente, a publicação em 2007 do volume *The Cambridge economic history of the Greco-Roman World*²⁵. J. Gilliam apresentou um balanço sobre esses debates ainda nos anos 1960 em que relativizava de certo modo as consequências da peste, rebaixando seu alcance e seu número de vítimas²⁶. Já McNeill estima que o número de vítimas atingiu em torno de um terço a um quarto da população. Argumenta que a Peste Antonina seria uma doença nova para as populações mediterrânicas, o que justificaria o alto número de vítimas por conta da falta de imunidade para combatê-la²⁷. As discussões não cessam de ser atualizadas, sobretudo pelo trabalho do grupo italiano liderado por Elio Lo Cascio, que insiste nos efeitos devastadores da peste na questão demográfica, impactando o sistema político do Principado, como mostra a interessante obra que foi organizada em 2012, intitulada *L'impatto della « Peste Antonina »*²⁸. Nesse mesmo sentido seguiu Duncan-Jones, que escreveu uma das mais importantes obras de economia quantitativa romana, e constatou, em seu artigo “The impact of the Antonine Plague”, que houve uma diminuição da produção nos piores anos da peste (165-167) e isso pode estar ligado aos efeitos demográficos²⁹. Em 2012 Christer Bruun apresentou a visão mais atualizada, mostrando que não há provas suficientes para os efeitos catastróficos da Peste Antonina³⁰. Ou seja, estamos longe de um consenso.

De todo modo, não podemos esquecer que, embora haja problemas com relação à especificação do número de mortes durante a peste, estima-se que em torno de 1/4 (ou até mesmo 1/3) do Império Romano sucumbiu diante da epidemia. Eutrópio, autor tardio, escreveu que Marco Aurélio empreendeu uma única guerra contra os marcomanos (povos germânicos que habitavam o sul do Danúbio; atual sul da Alemanha, Áustria e seu entorno), porém foi tão importante que poderia ser comparada com as Guerras Púnicas (Guerras entre Roma e Cartago, 246-146 a.C.), as mais importantes de toda a história de Roma e até então as com o maior número de perdas humanas. Eutrópio continua seu relato defendendo que a guerra contra os marcomanos:

(...) foi mais dura porque todos os exércitos romanos pereceram. Haja vista que durante o seu principado (de Marco Aurélio) houve uma epidemia de peste tão grande que, depois da vitória sobre a Pérsia, tanto em Roma quanto na Itália e nas Províncias, morreram a maior parte dos habitantes e quase todos os soldados por conta dessa enfermidade (Eutrópio *Breviário* 8.6).

Esse grande número de mortes deu lugar a um exército menor, com poucos e ativos e mais enfraquecido, que diminuiu a capacidade romana de fazer face aos perigos nas fronteiras (*limes*) com os povos germânicos.

O autor da *História Augusta* defende que na época de Marco Aurélio a peste matou milhares de pessoas e que o imperador teve que criar leis para controlar os enterros e encontrar novas medidas de transporte de cadáveres (“Vida de Marco Aurélio” XIII.3-4). Como já foi dito acima, segundo Dión Cássio, contemporâneo dos anos de peste da época de Cômodo, esta nova onda epidêmica matava, no auge do contágio, cerca de 2000 pessoas por dia somente na cidade de Roma. Embora esse número seja importante, temos que duvidar dos números apresentados pelos antigos. Essa informação de Dión Cássio é muito pontual para a cidade de Roma, mas não tem grande relevância para conhecermos o número total de mortos porque o autor não informa por quanto tempo essa mortandade durou.

O impacto demográfico foi forte, isso é certo, pois demorou muito tempo para o Império Romano ter uma recuperação demográfica. No entanto, a Peste Antonina não significou a queda do Império Romano e tampouco o “início do fim”, até mesmo porque a pretensa “queda de Roma” não foi uma continuidade das consequências da peste e tampouco das crises do século III, ela estava ligada a problemas próprios do século V³¹. Como já destacou Jean-Michel Carrié, em 1999, é imprescindível observar que os textos tardios que apresentam a peste têm uma perspectiva retórica muito forte visando a despertar no leitor sensações e emoções intensas. Alguns chegam a se inspirar, para não dizer plagiar, no texto de Tucídides no que concerne à descrição da Peste de Atenas. Outros viam na narrativa da peste a enunciação do fim do mundo, a partir de uma perspectiva escatológica. Os autores tardios não viveram a Peste Antonina, eles apenas a descreveram e com certo exagero por razões próprias de seus respectivos contextos. Com isso, não pretendemos diminuir o impacto da peste, que foi forte demograficamente, mas queremos evitar que se credite a ela o início do fim do Império Romano. É necessário analisar as fontes com olhar crítico a partir do contexto de sua elaboração. Esse é um princípio basilar da metodologia da História.

O Império pós-pestes, sob os Severos, continuou vigoroso por muito tempo, mas num ritmo diferente e a partir de novos referenciais. Aos poucos, durante o século III, o Império de Roma foi recuperando a perda demográfica ao ponto que, já no início do século IV, as legiões de Constantino eram conhecidas pelo grande número de efetivos. O século III (período pós-pestes) foi, sem dúvida, um momento de mudança, mas não de decadência, e a primavera dele foi um novo Império Romano, conhecido como Antiguidade Tardia (séculos IV, V, VI e VII d.C.). Um período próspero, e também diferente do Principado (período de Augusto até Cômodo) como já mostraram Jean-Michel Carrié e Aline Rouselle no livro *L'empire romain en mutation*.

CONCLUSÃO

No mundo romano “globalizado” da época antonina – louvado por Élio Aristides no seu famoso elogio a Roma – com rotas comerciais vigorosas que estabeleciam trocas com todo o Mediterrâneo e até com a Arábia e Índia, a peste encontrou um terreno fértil e de fácil mobilidade para se disseminar muito rapidamente. Os legionários, personagens importantes desse mundo, foram os primeiros a sentir os efeitos da epidemia. Também serviram como veículo dela, pois a levaram até onde o comércio não era tão intenso e desenvolvido, à Gália e às fronteiras com a Germânia. O poder de Roma era baseado no uso da força de suas legiões, que foram muito afetadas desde o aparecimento da epidemia em Selêucia, em 165, até a guerra contra os germanos em 180, ano da morte do imperador Marco Aurélio. A peste representou um choque psicológico, político e demográfico muito forte para o pujante Império Romano, que se viu obrigado a diminuir o ritmo de seu crescimento.

A Peste Antonina teve várias ondas e ritmos diferentes pelo Mediterrâneo. De 165 a 180, temos muitas informações. Depois, as fontes deixam de mencioná-la. No entanto, ela retornou em 189, sob Cômodo e foi então que dizimou por volta de duas mil pessoas por dia somente em Roma. Tratava-se da mesma epidemia de 160-180? Não podemos defender com segurança. No entanto, podemos defender que o contexto de peste perdurou por 27 anos, com alguns intervalos e possivelmente dizimou cerca de um quarto da população do Império Romano, que à época tinha em torno de 60 milhões de habitantes, o que poderia representar até 15 milhões de mortes em todo o período de Marco Aurélio (165-180) até Cômodo (189-192). Embora alguns historiadores defendam a dificuldade de se estabelecer o diagnóstico exato da peste, atualmente as interpretações que defendem o de varíola são as mais aceitas.

Como foi visto, ainda não há consenso sobre o impacto da epidemia para o Império. Contudo, independente da defesa de os efeitos serem mais graves ou menos graves, a afirmação de que a Peste Antonina foi a causa da queda do Império Romano não se sustenta. No entanto, ela deve ser vista como um dos elementos importantes que levaram à crise do Principado (ou às crises do século III), pois a peste não apareceu sozinha à época de Marco Aurélio. Ela estava acompanhada da guerra e da fome, maiores temores de uma sociedade na história da humanidade. A peste em si não foi uma causa que pudesse provocar uma grande crise, mas a mistura de elementos que tocaram a época de Marco Aurélio como a fome e a guerra provocaram impactos dastrosos, assim como ainda podem provocar terríveis impactos em qualquer sociedade da atualidade. Não podemos, portanto, ignorar os efeitos da peste, mas tampouco podemos superestimá-los, conferindo a eles a causa da queda do Império. De todas

as problemáticas possíveis envolvendo a Peste Antonina, a demográfica é a que mais tem atraído a atenção dos historiadores nas últimas décadas³².

Por fim, cabe destacar que o mundo antigo teve muitas experiências de peste, tanto que, no século III d.C., o apologista cristão, Tertuliano, escreveu que nós, seres humanos, somos um peso ao planeta (*onerosi sumus mundo*). Para ele, a fome, a guerra e a peste desempenham um papel curativo ao mundo quando se vê lotado de gente (Tertuliano *Sobre a Alma* 30). É certo que a raiz de muitas epidemias pode ser buscada no aumento excessivo da população, que traz como consequência a precariedade sanitária e problemas de abastecimento. Roma, durante a época antonina, alcançou o seu auge. Era a cidade mais populosa do mundo e sentiu os fortes efeitos da epidemia com uma grande perda demográfica e com todas as suas consequências correlatas. A Peste Antonina não foi um caso isolado e ela deve ser estudada a partir de uma perspectiva comparada com outras pestes que assolaram o Mediterrâneo Romano, para que possamos, assim, compreender melhor o *modus operandi* das epidemias antigas. Antes da Peste Antonina, o mundo romano vivera algumas experiências parecidas, mas não tão amplas, em 174 a.C., 23-22 a.C., 65-66 d.C. e 79-80 d.C. Meio século depois da Peste Antonina, entre 249 e 270, temos conhecimento sobre vários surtos epidêmicos conhecidos como a Peste do século III ou Peste de Cipriano (à época de Treboniano Galo, 251-253, de Valeriano, 260, e de Cláudio II, 270), que estavam ligados à precarização sanitária e aos problemas de abastecimento das cidades. O bispo de Cartago, Cipriano, foi testemunha ocular dessa peste que ceifou em torno de cinco mil vidas por dia na cidade de Roma, por seu relato dando nome à peste. O final da Antiguidade foi marcado pelo aparecimento de uma nova e terrível peste, a chamada Peste de Justiniano. Essa, pela sua singularidade e poder de destruição, segundo a narrativa de Procópio, ficou conhecida como a peste das pestes, tipo “Peste Negra”, que dizimou metade da cidade de Constantinopla entre 541-542.

NOTAS

1. Tradução de Fábio Joly, em Schiavone, 2005, p. 20-21.
2. Gibbon, 1989 [1790], p. 87.
3. Gaia, 2020.
4. Moraux, 1985.
5. Robert, 1980.
6. Apud Rossignol, 2000.
7. Gaia, 2020, p. 175-217.
8. Salvá, 2002, p.11.
9. Ballester, 1997, p. 57.
10. Boudon-Millot, 2001.
11. Ernout & Meillet, 1951, p. 890.
12. Cosmacini, 2015, p.6.
13. Boudon-Millot, 2001; 2012.
14. De Crespigny, 2007.
15. Gravioto e Garcia, 2007, p.12.
16. McNeill, 1976.
17. Sarampo. *In*: Médecins sans frontières / Médicos sem fronteiras. Disponível em: <https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/sarampo>. Acesso em: 07 maio 2020.
18. TESINI, Brenda L. s.v. “Varíola”, *in*: MANUAL MSD. Versão para Profissionais da Saúde. Última atualização abr. 2019. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/v%C3%ADrus-pox/var%C3%ADola>. Acesso em: 07 maio 2020.
19. Virlovet, Tran & Faure, 2018, p. 339.
20. Rossignol, 2000, p. 38.
21. Grimal, 2019.
22. Harper, 2015; 2017.
23. Carrié, 1999.

24. Frier, 2000.
25. Scheidel, Saller & Morris, 2007.
26. Gilliam, 1961.
27. McNeill, 1984, p. 116.
28. Lo Cascio, 2012.
29. Duncan-Jones, 1996.
30. Bruun, 2012.
31. Carrié, 2017.
32. Bagnall, 2002. Bruun, 2012. Duncan-Jones, 1996. Frier, 2000. Lo Cascio, 2012. Malanima, 2005. McNeill, 1989. Scheidel, 2007. Virlouvet *et al*, 2018.

REFERÊNCIAS

FONTES

- AELIUS ARISTIDE. *Discours sacrés*. Traduction de A. J. Festugiere, Paris: Macula, 1986.
- AMMIEN MARCELIN. *Histoires*. Texte établi et traduit par E. Galletier. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- DION CASSIUS. *Histoire romaine*. Texte établi, traduit et noté par R. Gros. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1867.
- EUTROPIO. *Breviário*. Trad. De M. Rodríguez-Pantoja Márquez. Madri: Editorial Gredos, 2008.
- EUTROPE. *Abrégé de l'histoire romaine*. Texte établi et traduit par J. Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1999.
- ÉLIO ARISTIDES. *Elogio a Roma*. Introdução, tradução e notas de F. Gascó e A. Ramirex de Verger. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- GALENO. *Methodus Medendi (XXI). Opera Omnia*. Edição de Kühn (org.). Livros I-XXII. Leipzig, 1964-1965 [1321-1833].
- GALENO. *Procedimentos Anatômicos. Libros I-IX*. Trad. e Introd. M. L. Salvá. Madrid: Gredos, 2002.
- GALENO. *Sobre la localización de las enfermedades*. Trad. de S. A. Aparicio. Madrid: Gredos, 1997.
- GALENO. *Sobre las facultades naturales. Las facultades del Alma*. Trad. de J. Z. Gras. Madrid: Gredos, 2003.
- HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción, introducción y notas por J. Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.
- HISTÓRIA AUGUSTA. Tradução, introdução, notas e índice de C. A. Teixeira, J. L. Brandão e N. S. Rodrigues. Clássica Digitalia Brasil: São Paulo, 2012.
- HISTOIRE AUGUSTE. Texte traduit et noté par Chastagnol. Paris: A. Coll. Bouquins, Robert Laffont, 1994.
- LUCIANO. *Obras II. Alejandro, El falso profeta*. Trad. de J. Luis Navarro. Madrid: Gredos, 1988.
- MAQUIAVEL. *Discourses on the First Decade of Titus Livy*. Book 1, London: K. Paul, Trench & Co. 1883 [1503].
- MARC AURELE. *Pensées, Écrits pour lui-même*. Texte établi et traduit par P. Hadot. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- TERTULLIEN. *Apologétique*. Texte établi et traduit par Jean-Pierre Waltzing. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- TERTULLIEN. *Œuvres complètes. De l'âme*. Texte traduit par Antoine-Eugène Genoud. Paris: Les Belles Lettres, 2017.

DICIONÁRIOS

DE CRESPIGNY, R. *Un Dictionnaire biographique des Han postérieurs aux Trois Royaumes (23-220 après JC)*. Leiden: Koninklijke Brill, 2007, p 514-515.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine, histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1951.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNALL, R. S. The effects of plague: model and evidence. *Journal of Roman Archaeology*, 15, p. 114-120, 2002.

BALLESTER, L. G. Introducciones. In: GALENO. *Sobre la localización de las enfermedades*. Trad. de S. A. Aparicio. Madrid: Gredos, 1997, p. 7-79.

BOUDON-MILLOT, V. Galien face à la “peste antonine” ou comment penser l’invisible. In: *Air, miasmes et contagion. Les épidémies dans l’Antiquité et au Moyen Âge*. Langres, 2001.

BOUDON-MILLOT, V. *Galien de Pergame. Un médecin Grec à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

BRUUN, C. The Antonine Plague and the ‘Third-Century Crisis’. In: O. Hekster; G. De Kleijn & D. Slootes (orgs.). *Crises and the Roman Empire: Proceedings of the Seventh Workshop of the International Network Impact of Empire*, Nijmegen, June 20–24, 2006. Leiden: Boston: Brill, 2007.p. 201-218.

BRUUN, C. La mancanza di prove di un effetto catastrofico della “Peste Antonina” (dal 166 d.C. in poi). In: E. Lo Cascio (org.). *L’impatto della “peste antonina”*. Atti dell’Incontro caprese di storia dell’economia antica. Roma, Bari, 2012.

CARRIÉ, J-M. & ROUSSELLE, A. *L’empire romain en mutation des Sévères à Constantin 192-337*. Paris: Seuil, 1999.

CARRIÉ, J-M. La crise du III^e siècle: Introduction. *CCG*, 10, p. 255-260, 1999.

CARRIÉ, J-M. The Historical Path of “Late Antiquity”: From Transformation to Rupture. In: R. Lizzi Testa (org.). *Late Antiquity in Contemporary Debate*. XXII^{ème} Congrès du Comité International des Sciences Historiques. Cambridge, 2017, p. 174-214.

COSMACINI, G. *Storia della medicina e della sanità in Italia*. Roma - Bari: Laterza, 2015.

GAIA, D. V. Antoninos: o apogeu e o fim da *pax romana*. In: BRANDÃO, José Luis (org). *História de Roma Antiga*. Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p.175-217, 2020.

DUNCAN-JONES, R. P. *The Economy of The Roman Empire*. Quantitative Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

DUNCAN-JONES, R. P. The impact of the Antonine plague. *Journal of Roman Archaeology*, v. 9, p. 108-136, 1996.

- FRIER, B. W. Demography. In: *Cambridge Ancient History*. 2a ed. Cambridge, 2000, p. 787-817.
- GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Cia das Letras, 1989 [1790].
- GILLIAM, J. F. The Plague under Marcus Aurelius. *American Journal of Philology*, v.82, n. 3, p. 225-251, July 1961.
- GUARINELLO, N. *História Antiga*. São Paulo, Contexto, 2013.
- GRAVIOTO, E. G. e GARCIA, G. I. La primera Peste de los Antoninos (165-170). Una epidemia en la Roma emperial. *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. LVIX, 1, p. 7-21, 2007.
- GRANT, M. *The Antonines. The Roman Empire in Transition*. London: Routledge, 1996.
- GRIMAL, P. *Marc Aurèle*. Paris: Fayard, 1991. (disponível tradução brasileira, Zahar, 2018).
- HARPER, K. Pandemics and Passages to Late Antiquity: Rethinking the Plague of c. 249-70 described by Cyprian. *Journal of Roman Archaeology*, v.28, p. 223-260, 2015.
- HARPER, K. *The Fate of Rome: Climate, Disease, and the End of an Empire*. Princeton-Oxford: Princeton University Press, 2017.
- LEFEBVRE, S. *Rome, ville et capitale de Jules César à la fin des Antonins*. Paris: Vuibert, 2001.
- LITTMAN, R. J. & LITTMAN, M. L. Galen and the Antonine Plague. *American Journal of Philology*, v. 94, n. 3, p. 243-255, 1973.
- LO CASCIO, E. (org.). *L'impatto della "peste antonina"*. Atti dell'Incontro caprese di storia dell'economia antica. Roma, Bari: Edipuglia, 2012.
- MALAMINA, P. Cycles and Stability. Italian Population before the Demographic Transition (225 BC – AD 1900). *Rivista di Storia Economica*. 21, 3, p. 197-232, 2005.
- MARTIN, J.-P. Les Antonins et les Sévères (96-235 ap.J.-C.). In: J.-P. Martin; A. Chauvot & M. Cebeillac-Gervasoni. *Histoire romaine*. Paris: Armand Colin, 2014.
- MCNEILL, W. H. *Plagues and people*. New York: Bantam Doubleday Dell Publishing Group, 1989.
- MCNEILL, W. H. *La Peste nella Storia*. Epidemia, Morbi e Contagio dall'Antichità all'Età Contemporanea. Torino: Einaud, 1981.
- MORAU, P. *Galien de Pergame, souvenirs d'un médecin*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- ROBERT, L. *À travers l'Asie Mineure*. Poètes et prosateurs, monnaies grecques, voyageurs et géographes. Paris: BEFAR 239, 1980.
- ROMAN, Y. *Empereurs et sénateurs, une histoire politique de l'Empire Romain*. Paris: Payot, 2001.
- ROMAN, Y. *Marc Aurèle, l'Empereur paradoxal*. Paris: Payot, 2013.
- ROSSIGNOL, B. La peste antonine (166 ap. J.-C.). In: *Hypothèses 1999. Travaux de l'école doctorale d'Histoire*. Paris: Publication de la Sorbonne, 2000, p. 31-37.

ROSSIGNOL, B. *Études sur l'Empire romain en guerre durant le règne de Marc Aurèle (161-180)*. (Tese de doutorado). Paris: Université Paris I, 2004.

SABBATANI, S., FIORINO, S. La peste antonina e il declino dell'Impero Romano. Ruolo della guerra partica e della guerra marcomannica tra il 164 e il 182 d.C. nella diffusione del contagio. *Le Infezioni in Medicina*, v. 17, n. 4, p. 261-275, 2009.

SANZ-MUNOZ, A. Marco Aurelio Antonino (121-180 d.C.), filósofo y emperador de Roma, y la peste de Galeno. *Enfermedades Infecciosas y Microbiología Clínica*, v. 30, n. 9. p. 552-559, nov. 2012.

SARTRE, M. *Le Haut-Empire romain, les provinces de Méditerranée orientale d'Auguste aux Sévères*. Paris: Seuil, 1997.

SALVÁ, M. L. Introducción. In: GALENO. *Procedimientos Anatómicos. Libros I-IX*. Madrid: Gredos, 2002.

SCHEIDEL, Walter; MORRIS, Ian & SALLER, Richard (orgs.): *The Cambridge economic history of the Greco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHEIDEL, Walter. Demography. In: Walter Scheidel; Ian Morris & Richard Saller (orgs.). *The Cambridge economic history of the Greco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 38-86.

SCHEIDEL, W. *Disease and Death in the Ancient city of Rome*. Princeton-Stanford: Working Papers in Classics, 2009.

SCHIAVONE, A. O século de ouro. In: A. Schiavone. *Uma História Rompida*. Roma Antiga e Ocidente Moderno. São Paulo: Edusp, 2005. p. 15-31.

VIRLOUVET, C.; TRAN, N. & FAURE, P. (orgs.). *Roma, cité universelle: de César à Caracalla, 70 av. J.-C. - 212 ap. J.-C.* Paris: Béliin, 2018.

WISEMAN, J. Gods, War and Plague in the Time of the Antonines. *Studies in the Antiquities of Stobi*. Belgrade, 1973, p. 152-183.

A trilogia *Viver e Morrer na Peste* foi pensada como forma de contribuir para a compreensão do momento dramático vivido por toda a humanidade desde a eclosão da pandemia da Covid-19, doença causada pela propagação do vírus SARS-CoV-2. Penso que as Artes e as Humanidades têm muito a dizer e a fazer pensar – fazer ver, ouvir, sentir – sobre as experiências de vida e de morte frente às epidemias que solapam as sociedades desde os primórdios da História.

Neste contexto, a coletânea *Viver e Morrer na Peste*, com seus três volumes, oferece múltiplas perspectivas, no horizonte das Artes e Humanidades, para se pensar a experiência humana de enfrentamento das epidemias e seus vetores. Acreditamos que o leitor encontrará textos informativos e formativos, com dados necessários e interessantes, com reflexões contemporâneas, úteis para estudantes e professores, do ensino básico e universitário, para pesquisadores, para profissionais da imprensa e agentes públicos, assim como para o público em geral, público mais do que nunca ansioso por conhecer sobre como o ser humano age ao longo da História para compreender e enfrentar as pandemias.

FÁBIO VERGARA CERQUEIRA
(COORDENADOR DA COLEÇÃO)

APOIO



Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e
Patrimônio Cultural
PPGMP ICH



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES UFPel



(H)
PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - UFPel



Editora
UFPel